



## E O SILÊNCIO NAGÔ CALOU EM MIM

Denise Conceição Ferraz de Camargo  
denise.cfcamargo@gmail.com  
Universidade do Vale do Itajaí

ISSN 2316-6479

O *roncó*, clausura, quarto que suspende os *iaôs*, os iniciados, do cotidiano pelo período da iniciação e das obrigações ao longo da vida religiosa do candomblé, é um grande útero. Ali se gesta sempre um nascimento. Uma personalidade mítica desvela.

O corpo recluso, deitado sobre o *eni*, uma esteira, e sobre folhas, é um misto de repouso e ação. Entrega-se à grafia sagrada que sai de uma terra africana e pulsa nas veias, nas peles das pessoas daqui.

Esse território interno, recorte da cultura negra na transposição da religião tradicional africana para o Brasil, inspirou meu processo de criação destas imagens, por meio da experiência com o ritual.

As manifestações de origem negra no Brasil se preservaram, em grande parte, pela sua treta de se disfarçar e silenciar sua história, em virtude das circunstâncias de seu passado de repressão social gerador de preconceitos e preservados. Entretanto seu silêncio é prenhe de significados, de mecanismos simbólicos, para os quais estas imagens pretendem apontar. Elas permeiam o corpo na experiência ritual e o olhar fotográfico

Segundo o mito da criação dos homens, na cultura nagô o corpo foi moldado, escolheu sua própria cabeça, recebeu um sopro sagrado. E se veste para o labor e para o festejar. Ouve, canta, dança, entrando no ritmo dos atabaques, no ritmo do sagrado. Intuitivamente, vai sendo marcado pelos saberes que, ao mesmo tempo, vêm da palavra e de um silêncio.

Estas imagens trazem uma experiência com os ritos iniciático e fotográfico, ainda que a fotografia pareça ser uma nota acentuada fora do lugar nos rituais. De qualquer forma, parecem existir dois modos de conviver com eles. De dentro: pés no chão, saias e saiotos engomados das mulheres, a comida que sai cheirosa e pelando da cozinha, o batuque das mãos dos instrumentistas, o transe do povo de santo. De fora: gente chegando para a festa – são os *abiãs*. É sempre assim para quem se aproxima do terreiro.



Foi assim que meus olhos se achegaram. Depois entraram para o *xirê* – para a dança, para os espaços sagrados. Do canto do barracão assisto às festas, câmera em riste. Do centro da roda, participo dela.

As imagens, às vezes, elas escapam ao ver consciente – inconsciência como a do transe, para além da cena religiosa. Imagens, resgate de uma expressão ancestral, que religa, conecta, aquela que só conhece quem sabe que é preciso rezar bem o feijão fradinho pra fazer um bom acarajé.

---

### **Minicurrículo**

Denise Camargo é fotógrafa, doutora em Artes (Unicamp), mestre em Ciências da Comunicação (ECA–USP), pós-graduada na Faculdade de Ciências da Informação (Universidade de Navarra, Espanha), e graduada em Jornalismo (ECA–USP). Foi editora de veículos especializados na difusão cultural e crítica da fotografia brasileira e coordenadora da pós-graduação em Fotografia do Senac. Faz curadoria e gestão de projetos culturais na Oju Cultural e é membro do Grupo de Pesquisas da Imagem Contemporânea.